

Paranoá ainda alimenta o bolso de pescadores

OMEZIO PONTES

Empregados de si próprios, os pescadores do lago Paranoá não têm hora para começar o trabalho, mas nem por isso se acomodam. “A qualquer hora do dia ou da noite tem algum de nós dentro de uma canoa buscando a sobrevivência de nossas famílias”, afirma Abiezel Alves Cavalcanti, residente no acampamento da Telebrasília e que há mais de 20 anos pesca no lago. Pelas contas de Abiezel, só naquela área existem mais de cem pescadores tirando cada um, em média, 700 peixes/dia. “Isso só os carás, pois ainda pescamos carpas de mais de quatro quilos”, garante o pescador.

É a afirmação de Abiezel não tem nada de exagerada. Basta ficar algumas horas no pequeno cais onde os pescadores do acampamento atracam suas canoas para ver a eficiência do trabalho. A cada instante pequenas canoas de pouco mais de quatro metros de comprimento chegam abarrotadas de peixes, que são tirados com a ajuda dos remos e jogados em latas com capacidade para 60 litros. “Em cada uma cabe mais de cem peixes”, explica Abiezel.

Guardadas as proporções, a cena faz lembrar pescarias em locais mais famosos em matéria de produção de peixes. Se levá a desvantagem da eterna fama de poluído, o lago Paranoá oferece pelo menos uma vantagem àqueles que moram em suas margens. Suas águas escuras são sempre tranquilas e não oferecem o perigo igual ao que assola constantemente as populações ribeirinhas com as enchentes dos rios. “Aqui tem tanto peixe que se a gente não pescar vira praga”, sugere outro pescador, Luis Carlos Rodrigues.

PESCARIA DE ALUGUEL

A fama dos pescadores alcança tal nível que Abiezel está sendo contratado por moradores de mansões do lago para ajudá-los em pescarias com suas lanchas. “Eles me pagam pela lata cheia de peixes o mesmo preço que cobro quando peço na minha canoa, entre NCz\$ 3,00 e NCz\$ 4,00”, diz o pescador com um fundo de orgulho. E é baseado nestes fatos que Abiezel sustenta categoricamente que não há perigo em se consumir peixes do lago Paranoá. “Antigamente as mansões despejavam seus esgotos aqui, mas hoje tudo é tratado na estação da Caesb”, sustenta Abiezel, sem saber que, segundo a própria Caesb, o tratamento do es-

goto lançado no lago alcança, no máximo, 70 por cento da demanda.

Outra prova da eficiência do negócio é a distância percorrida por muitos compradores dos peixes que os revendem principalmente nas feiras da periferia. Oswaldo Pereira de Souza, por exemplo, vem há dez anos de Planaltina comprar peixes dos pescadores do acampamento da Telebrasília. “Eu vendo tudo com a maior facilidade na feira de Planaltina e também em Sobradinho”, diz Oswaldo, que compra a lata com cerca de cem cará a NCz\$ 4,00 e vende a “fleira” com 11 por NCz\$ 1,50. “Dá para ganhar o do feijão”, brinca.

mais de longe vem Zacarias Dias de Almeida, morador de Ceu Azul, que diariamente compra duas ou três latas de peixe pelo mesmo preço de Oswaldo e os revende pelas ruas do povoado. “Pelo preço que tá a carne, não tem comida melhor para o

pobre do que peixe daqui do lago”, acredita Zacarias. Além de Zacarias e Oswaldo, muito mais gente vive da revenda dos peixes do go. “Toda madrugada saem quatro Kombis carregadas de peixe para ser vendido na Ceilândia”, garante um pescador.

FISCALIZAÇÃO

A fonte de alimentação e de renda em que se transformou o lago Paranoá para muitos ex-desocupados não chega a causar euforia entre os pescadores. Eles ainda sonham com a liberação da pesca no local com a utilização de redes e tarrafas — atualmente só é permitida com anzol. “As vezes a fiscalização da Sudepe apreende nossas tarrafas, a canoa e até os peixes”, reclama o pescador Luis Carlos Rodrigues, lembrando que quando isso acontece o dono do equipamento custa a se recuperar do prejuízo.